



ARTUR CHINELATO

O SONHO DE UM BATEDOR DE TIJOLOS

Ede Assis do Nascimento, um paranaense de 42 anos, começou cedo na lida. Aos 10 anos de idade trabalhou em uma olaria como batador de tijolos, e após o trabalho, por várias vezes, não tinha sequer o que comer. Foi empregado por muito tempo de uma fazenda de gado, onde com sacrifício guardou um dinheirinho, e perto de completar 35 anos de vida, conseguiu comprar um pedaço de terra de 11,6 ha, em Ibaiti-PR: o Sítio Nossa Senhora Aparecida. E com uns poucos trocados comprou ainda umas vacas leiteiras.

Sem saber como conduzir sua criação de maneira eficiente, aquele sonho de viver no e do campo, tendo uma boa renda, parecia cada vez mais distante. O medo de ter que vender sua propriedade e voltar a ser empregado assombrava a família. Mas as coisas começaram a mudar no ano de 2006, quando o Ede procurou a ajuda de um técnico. Tinha ouvido falar no Projeto Balde Cheio e queria saber mais a respeito. A oportunidade apareceu quando de uma reunião na comunidade, onde encontrou Wilson, da Cooperideal, que estava desenvolvendo o trabalho na região paranaense do Norte Pioneiro. Após a primeira conversa, foi agendada uma visita à propriedade.

No dia marcado, o técnico Wilson foi ao sítio e explicou para a família quais seriam as regras do trabalho, e eles as aceitaram de pronto. No início

do trabalho a produção girava ao redor de 40 litros por dia com 11 vacas em lactação, 11 vacas secas, 3 novilhas e 10 bezerras. Esses animais literalmente sobreviviam em uma área de 5,1 ha de braquiárinha bem rapada, um capão de 0,5 ha de uma planta que lembrava a cana-de-açúcar (um parente distante) e do insólito capim de beira de estrada.

No primeiro ano de trabalho, com a venda de algumas cabeças, formou 1,1 ha de mombaça, dividindo-o em 28 piquetes, que logo no primeiro verão atingiu a lotação de 10 vacas e um touro. Nesse mesmo ano foi implantando um canalial em área de 1,0 ha, desta vez com uma variedade de cana-de-açúcar conhecida e produtiva, adquirida de uma usina de álcool da região.

No ano seguinte mais 1,5 ha de mombaça foi semeado e dividido, passando a ser o segundo módulo de pastejo. Ainda nesse ano, devido à baixa renda auferida pela propriedade, Cristiano, o filho mais velho, se casou e foi trabalhar na cidade para sustentar sua família. As anotações ficaram a cargo de Cleiton (filho do meio). Todos sentiram muito sua saída, em especial, a mãe, dona Maria Aparecida, e a caçula, Pâmela.

No início de 2008, a produção chegou em 140 litros diários. Animado, formou mais 1,8 ha de mombaça, o terceiro módulo, e 0,7 ha de tifton dividido em 20 piquetes a serem utilizados pelas vacas recém-paridas. A produção era levada duas vezes ao dia para um tanque de expansão comunitário, distante uns 2 km. Com o aumento da produção e a estrutura de alimentação já estabelecida para

receber mais animais, conseguiu um financiamento e adquiriu além das 15 novilhas prenhes, 11 vacas de melhor qualidade, substituindo algumas vacas do rebanho, e também um

tanque de expansão com capacidade para 1.500 litros.

Em meados de 2009, com a compra de um equipamento de ordenha com dois conjuntos, a família conseguiu ordenhar 440 litros de leite diariamente, de 25 vacas em lactação, 8 vacas secas, 12 novilhas e 2 bezerras, superando a meta sonhada no início do trabalho, que era de 300 litros por dia. A renda obtida permitiu que Cristiano, o filho mais velho, casado e com uma filhinha, regressasse à propriedade de seu pai, para a alegria de todos.

Ede ainda não irriga ne-

nhum metro quadrado do sítio, não por falta de vontade, mas, sim, pela ausência de um curso d'água que lhe permita aplicar essa técnica de produção. A perfuração de um poço artesiano, segundo os orçamentos realizados até o momento, é inviável. A família e o técnico estão estudando a construção de pelo menos um grande reservatório destinado a armazenar a água das chuvas, para no futuro irrigar, nem que seja a menos 1,0 ha.

Além desse investimento estão programando a construção de um fosso para a realização da ordenha, facilitando o serviço e dando mais conforto para o trabalho. Planejam arrendar uma área de 5,0 ha do vizinho para o plantio de mais um canalial. Um curso de inseminador está nos planos de Cristiano, para poder eliminar o touro da propriedade. O sonho de Cleiton é ter um computador, e o de dona Maria Aparecida é construir uma cozinha bem grande e uma lavanderia coberta. Um novo desafio foi estabelecido e a meta agora é alcançar a produção de 1.000 litros de leite diários. Em quanto tempo? Sei lá! Isso é o que menos importa!

Quem quiser conhecer o Sítio Nossa Senhora Aparecida e atestar a veracidade da história, entre em contato com o agrônomo da Cooperideal, Wilson Marques Povinha, pelo telefone: (43)9986-7231, e agende uma visita.

Arthur Chinelato de Camargo é engenheiro agrônomo, membro do Conselho Editorial de Balde Branco e pesquisador da Embrapa Pecuaría Sudeste; e-mail: artur@cnpse.embrapa.br
Colabora neste projeto: Fábio Antônio Cagnin Filho, Cooperideal, de Pato Branco-PR; Marcelo de Rezende, Cooperideal, de Londrina-PR; Wilson Marques Povinha, Cooperideal, de Santo Antônio da Platina-PR.

A renda obtida com o leite permitiu que o filho mais velho, agora casado, regressasse ao sítio, para alegria de todos